

A responsabilidade do professor de Matemática

Margarida Matias Pinto

Duas da manhã. Lá fora a chuva bate, miudinha, na tabuleta castanha do Café do Grilo. Ao balcão o empregado olha, com ar cansado, para a mesa do fundo e entretêm-se a ouvir os seus ocupantes: os únicos clientes, dois homens, uma mulher, um ar distinto, uma conversa séria.

1º homem - E o que me dizem dos resultados nacionais das provas específicas de Matemática?

Mulher: Olhe, Diamantino, até me custa comentar. É uma vergonha. O que é que os nossos professores do Secundário andam a fazer?

Diamantino Durão (DD): Francamente também tenho colocado a mim próprio essa questão. Resultados destes são, pura e simplesmente, chocantes. Como é possível que um aluno obtenha aprovação no 12º ano, para já não falar dos que o acabam com 16 ou 17, e mal atinja os 15% na PE?

2º homem: Sabe que mais? Quanto a mim a questão é facilmente respondida: os professores em geral - e os de Matemática não são excepção - limitam-se a ser funcionários. Limitam-se a cumprir ...

Mulher: ...Quando o fazem...

2º homem: ...limitam-se a cumprir um horário tipo Repartição de Finanças. Toca a campainha e, zás, acabou o trabalho.

DD: Ó Couto dos Santos, você vai-me desculpar, mas não é nada disso. O grande problema é que os professores do Ensino Básico e os do Ensino Secundário não sabem nada. Leram uns manuais, memorizaram uns tantos exercícios, umas maneiras perfeitamente mecanizadas e eficazes de resolver os problemas mais do que isso, não são capazes. (Risos) Não

conseguem ir mais longe do que isso, coitados. Dão aulas de Matemática mas não têm alma de Matemáticos.

Couto dos Santos (CS): Não deixa de ser verdade, mas...

Mulher: Não, não. Desculpe lá contradizê-lo mas ...

DD: Diga, diga, Manuela, que o seu dizer tem graça.

Manuela Leite (ML): (Rindo-se) Deixe-se de gracinhas. O que eu estava a tentar dizer é que um dos grandes males do ensino vem das próprias Universidades. Vocês, se calhar, nem imaginam o que é ser aluno do 4º ano de uma Licenciatura em Ensino. Enchem-lhes a cabeça de teorias pedagógicas utópicas e ultrapassadas e nem lhes ensinam a dar uma aula decente.

CS: Ora, ora ...

DD: Ora bem, e se fosse mais uma rodada? O costume?

CS: Garçon! Duas italianas para os senhores e um copo de leite aqui para a D.Manuela.

ML: Couto, por favor, chega de piadas idiotas. Continuo na minha: os professores recém chegados às escolas...

(O empregado chega com as bebidas encomendadas)

DD (virando-se para o empregado): Olhe lá. Se calhar você até tem filhos a entrar para a Universidade, ou a estudar. O que é que acha disto que temos estado para aqui a dizer? Sim, porque nos tem estado a ouvir, não tem?

Empregado (E): Peço desculpa mas realmente era um pouco difícil deixar de ouvir.

CS: Ó homem, não se desculpe, sente-se aqui connosco. Puxe aquela cadeira.

DD: Então o que é que acha? Na sua simples maneira de ver, tem boa opinião dos professores?

ML (entre os dentes): Concerteza que não.

DD: Sim, claro tem toda a razão, mas estávamos nós muito interessados em ouvir a sua opinião sobre (vira-se para o lado). Ó Manuela, lembra-se do que nos dizia à pouco acerca do que ensina na Faculdade aos futuros professores?

ML: Sabe o problema é um pouco delicado, mas tenho uma ligeira impressão de que os professores saem da Faculdade com a cabeça cheia de teorias muito bonitas mas que não servem para nada. E depois passam horas sem fim a entreter os alunos com joguinhos, muito engraçados, talvez, mas sem qualquer utilidade prática. E dar matéria a sério, pff...., nem pensar.

E: Se calhar há uma pontinha de razão no seu comentário. É natural que um professor acabadinho de sair da Universidade tenha a cabeça cheia de ideias. Nem todas serão boas, ou porque não as apreendeu correctamente, ou porque falham com determinada turma, com determinada matéria, ou mesmo porque, realmente, não são boas. Um professor saído da Faculdade, como qualquer profissional em qualquer lugar, necessita de lapidar o que aprendeu, necessita de pôr os seus conhecimentos em confronto com a realidade. Cometerá erros, sem dúvida, e é bom que o faça pois não sei se será muito bom nunca ter dúvidas, raramente se enganar. Mas vai aprender com esses erros, e

vai fazê-lo diariamente ao longo de toda a sua carreira.

ML: Sim, mas, ...

E: Desculpe, só mais uma coisa: há um factor que ninguém que esteja numa escola pode negar a um professor novo. O entusiasmo, a vontade de experimentar novas técnicas, novos métodos de ensino, e que só raramente se encontram nos professores da minha idade.

DD: Então e quanto à pergunta que lhe ia começar a fazer antes de ser interrompido por estes meus colegas?

E: Sobre...?

DD: É que eu acho que os conhecimentos científicos dos professores que dão, por exemplo, o 12º ano, não estão à altura que se devia exigir.

E: E será que aí não há a tradicional onda de desprezo paternalista que os professores do Ensino Superior sentem relativamente a nós, os reles do secundário?

DD: Não, não se trata de desprezo. De modo algum. Mas parece-me que ...

E: Os senhores desculpem-me mas houve uma coisa que me chocou um bocado. Foi quando aquele senhor (aponta para CS) disse que os professores eram apenas funcionários públicos. Eu conheço muitos professores e acho que não é bem assim. Não partilho a sua opinião de ver um professor com um comportamento pavloviano, a salivar de ansiedade quando chega a hora do toque da saída. Se calhar isso até pode acontecer com alguns, mas são de certeza uma minoria. Pelo menos a maior parte dos que eu conheço até dedica à Escola uma grande parte do seu tempo.

CS: Cá para mim isso parece-me conversa fiada. A maior parte dos professores, repito, acaba as aulas e "adeus escola, até qualquer dia"

E: Tem mesmo a certeza disso? E as horas que lá passam em reuniões, em clubes de jornalismo, de matemática, de fotografia, de ciência? E os ensaios dos teatros, e as preparações de

visitas de estudo? E as próprias visitas de estudo? Sábados, domingos, fins de semana inteiros, fora do horário de trabalho de qualquer funcionário, sem receber um tostão pelas horas extra, às vezes até a ter de pôr dinheiro do bolso... E o trabalho em grupo com os colegas de grupo, e o tempo utilizado a preparar materiais para as aulas, a preparar as aulas, a actualizar-se sobre as matérias? Funcionário público?... Um professor?...

DD: Ora ainda bem que falou na actualização de matérias. Acha mesmo que a maior...

ML: Espere aí ó Diamantino (vira-se para o empregado). Desculpe lá, mas como é que sabe tanto sobre o assunto?

CS: Realmente...

E (um pouco atrapalhado): Bom... é que... na verdade... bem, eu... eu sou professor de Matemática.

ML, CS e DD (em coro): O quê?! E o que é que está aqui a fazer?

E (hesita, coça a cabeça): Bom, como devem calcular, o ordenado líquido de um professor, enfim, não é exactamente o mesmo de um ministro, ou de um deputado e, sem querer magoar, nenhum dos senhores fez muito por isso. Se calhar este é um factor que...

CS (apressadamente): Pois, pois, pois. Mas retomando o fio à nossa conversa...

E: Ó Dr., os professores do 12º ano são, em geral, professores com uma licenciatura em Matemática, com vários anos de serviço, experientes. Contrariamente aos professores do Superior que, muitas vezes, passam anos a leccionar uma única disciplina e de uma área em que fizeram mestrados, doutoramentos e em que são, por isso, especialistas, nós temos a nosso cargo a gestão de um programa recheado de matérias de que, às vezes, pouco ouvimos falar. Há toda uma actualização que precisamos de fazer, e que fazemos. Não publicamos artigos em jornais, não fazemos conferências, não damos nas

vistas, não temos o "glamour" de um professor universitário, mas estudamos, mas aprofundamos. E actualizamos-nos. E discutimos ideias e projectos. E aprendemos a lidar com os computadores e a trabalhar com calculadoras e geoplanos, e a tirar partido disso nas aulas. Já viu muitas aulas do Superior em que esta actualização se faça sentir? Quando os senhores dão ou davam aulas...

ML: Bom mas não é disso que estamos a falar agora. Aliás já começa a fazer-se tarde e...

E: Antes de saírem posso só acrescentar uma coisa?

DD: Claro, claro meu amigo.

E: Fala-se muito nas provas específicas. Acreditem que estamos preocupados com elas, com os resultados que os alunos obtêm, como o estão os nossos colegas da Universidade. Mas já vai sendo tempo dos professores do Superior aceitarem descer da cadeira, sentarem-se a uma mesa connosco para, em conjunto, encontrarmos uma linha de acção comum. Nós precisamos de saber o que é que eles querem de nós, eles precisam de ter a consciência de que nem tudo o que gostariam é possível de ser feito.

CS: Ai, deixe-me rir. Então está à espera que eles... Ah, Ah, Ah...

E: Não, não estou à espera, estou com esperança de que um dia isso aconteça. E, se calhar, os professores das licenciaturas em ensino podiam ter aqui um papel importante, porque são dos poucos que se movimentam no ambiente do superior e do secundário. Talvez a eles alguém os ouça.

ML: Eu ouço o telefone a tocar.

E (levanta-se, atende e regressa à mesa): Vão-me desculpar. Era o meu patrão, o Sr. Marçalo. Diz que já está na hora de fechar. Boa noite.

Margarida Matias Pinto
E. S. Gama Barros

